

TEORIA

Ângela Lara Resende

No canteiro vegetal
Da escritura
Fenece em mágoa
A flor tropical.

No abismo mineral
Entre o fruto e a semente
É que a forma se faz
Presente,
No fundo de ti mesma
Montanha triste,
Órbitas abertas na terra
para que perfaça
Um dia
A lágrima nascente
Da sombra e do minério.

Reinvenção da infância
No primeiro espanto
Do gozo inteiro
Do fruto e do pranto.

Cometas não voltam
Nunca mais,
Mas quem fica
É ânsia.

Quer a voz noturna
De sacis em ais
Em afundados montes
Sem substância.

O ipê quando desfaz
A água de ouro
Sobre as folhas.
(Doçura tão amarga de setembro)

O grande olhar fixo
Das iaras
No fluir dos rios.

O que mais?
Do que se perdeu
Já nem me lembro
Outro sou eu.

Pequenina flor
Subindo da solidão e do nada
Para o olhar invisível
Da lua.

Serás de quem te beber
As raízes cortadas,
Porque sangras
O subterrâneo sangue
Da tua identidade perdida,
Colada a teu estilo
De pétala exangue.

Serás de quem te queimar
Na aurora fria
A ferida entreaberta
Sem mistério
Na pálida pedra.

Pois antes de mulher
És teoria.